

CURTESIA 323
05851

O ACADÊMICO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DO DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES

ANO II — Nº 18 — JANEIRO DE 1977 — BLUMENAU — S. C. — Cr\$ 3,00

A GÊNESIS FECUNDA



Bolsas de Empregos

Censura

Educação

Música

Teatro

Diretórios

Concurso

Sociologia

Livros

— **Estamos com 16 páginas** —

Correspondências

RECIFE — Tenho recebido e lido com atenção os bons números de "O ACADÊMICO". Toquem prá frente. Um abraço a todos. (IVAN MAURICIO) — CORDEL.

JOINVILLE — (SC) — Ao prezado O. O. J. como dinâmico elemento de prôa de O ACADÊMICO: ... Um novo ano de sucessos com o diretor da latente periódico blumenauerse. (HANS BACH).

TUBARÃO — (SC) — Quero agradecer e envio constante de O ACADÊMICO e ao mesmo tempo parabenizá-los pelo lindo jornalismo que vocês estão cultivando na luta constante por uma imprensa independente com os pensamentos voltados para a paz.

O tempo é um espaço muito curto e vocês estão aproveitando esse tempo e esse espaço da melhor maneira possível.

O espaço vital. Quero daqui enviar o meu apoio ao trabalho de vocês, pois a luta também é minha. Um abraço (GUEDES).

JOINVILLE — (SC) — Há muito tempo a minha agenda acusa o gentil recebimento de

O ACADÊMICO e ao mesmo tempo a intenção de lhe escrever, agradecendo e me congratulando com este jornal de tão nobre propósito.

... Talvez seja interessante saber que:

As margens do "baixo" Cachoeira, está JOINVILLE, a cidade brasileira.

As margens do "alto" MARNE encontramos "La JOINVILLE FRANÇAISE".

"La ao sul da República Argentina,

No mar de Wedell, na Antártida,

uma ilha, julgada pequenina, de nome "JOINVILLE" também há".

Desejando ao amigo, bem como a todos os seus colegas redatores e demais colaboradores e leitores de O ACADÊMICO um Feliz Natal e um abençoado Ano de 1977, subscrevo-me com um cordial abraço. (WOLFGANG O. P. KRESS).

BLUMENAU — (SC) — A mão do homem pode trazer em si o sol do céu — a vida; o seu coração — o amor; o pinheirinho de natal — a paz; e

uma estrela — a esperança e também sua guia para a paz, o poder de amar, para viver a vida acreditando nela, para dar a mão ao seu irmão...

Amigos de O ACADÊMICO. desculpem o longo tempo de silêncio. Mando-lhes esta mensagem de natal de minha criação, sob forma de agradecimentos aos momentos felizes, de sentimento de capacidade e conquista que me proporcionaram Feliz natal e mais feliz 77 a todos vocês. (ANA MARIA BACCA).

SÃO PAULO — (SP) — ... UM MUNDO MELHOR DEPENDE DE VOCÊ. NATAL DE 76. — (EDITORA ÁTICA).

HÁ GENTE — Amigos, Vimos por meio desta acusar o recebimento do nº 16 do vosso nosso jornal, que após o deveramento total, foi devidamente cadastrado e arquivado.

O ACADÊMICO está cada vez melhor. Algumas pessoas que por aqui passavam, conheceram-no e elogiaram muito o trabalho de vocês. Gostariamos de saber se vocês aceitaram colaborações de estranhos, ou melhor, de inéditos. Ah, gostaria que vocês anotassem o endereço do Sr. A. Amorim, poeta-contista, inédito ainda, mas que em breve estará perturbando por aí, para que mandassem o jornal para ele. Av. Presidente Vargas, 642 — 2º andar — sala 201 — Centro — Rio de Janeiro.

Não sei se é pedir muito, mas gostaríamos de receber dois números do vosso-nosso jornal, pois um seria arquivado e o outro ficaria para ser exposto e o pessoal tomar conhecimento dele.

Bem, sendo só no momento aqui ficamos, desejando um feliz Natal e um próspero ano novo para todos que idealizaram, concretizaram, estão na batalha desse jornal. Que 1977 seja um ano ímpar também para o jornal.

CARLOS ARAUJO) — SP. BELO HORIZONTE — (M. G.) — O ACADÊMICO.

Interessado em conhecer essa publicação, solicito o especial obséquio da remessa de um exemplar para c. p. 2229 — BH. Agradecido. (Marcos Mendra).

SANTOS — (SP) — Gostaria de receber alguns exemplares de O ACADÊMICO, pois para Santos não veio e provavelmente nem venha. Só ficamos sa-

bendo de sua existência através de propaganda. E é por isso que estou escrevendo. Mandando para: EDUARDO DIAS LOPES — Rua Goiás 181 apt. 21 — 11.100 — Santos — SP.

FLORIANÓPOLIS — (SC) — Caro Oldemar

Recebi o nº 17, como normalmente recebo os demais números de O ACADÊMICO

Recebi os vários exemplares do nº 16, tendo distribuídos entre alguns colegas aqui do I.E.E....

...A propósito das "Considerações acerca do professor João de Irineu Voigtlander (pág. 4, nº 16), aproveito a oportunidade para enviar esta página, solicitando seja aproveitada num dos próximos números de nosso Acadêmico que, a partir de agora virá mais robusto (19 páginas! — Parabéns de novo). (ABEL B. PEREIRA).

CORRESPONDÊNCIAS: —

Agradecemos as correspondências de:

CARLOS WERNER MARTINS — Florianópolis

OSMAR PISANI — Florianópolis

PINHEIRO NETO — Florianópolis

CASA DO ARTISTA — Blumenau

DEPTO. DE TURISMO DE BLUMENAU — Blumenau.

VENCESLAU MUNIZ — Rio Negro.

CARTÕES E MENSAGENS DE NATAL — O Jornal O ACADÊMICO agradece as seguintes pessoas:

Carlos Werner Martins, Hans Bach, Ana Maria Bacca, Artêmio Zanon, Wolfgang O. P. Kress, Editora Ática, Sérgio André Zanin, Fred Wacholz, Guedes, Gráfica 43 S. A., Jornal Há Gente, Carlos Araújo

ERRATA —

Na última edição há que considerar-se dois erros lamentáveis.

Um, concernente ao trabalho poético intitulado O TUDO E O NADA que pertence e é de autoria do autor catarinense Abel B. Pereira; O outro, do autor catarinense Holdemar Menezes, ao realizarmos sua biografia, escrevemos — Presidente da Academia Brasileira de Letras, o correto é Academia Catarinense de Letras.

Aqui ficam os nossos sinceros pedidos de excusas... —

A Redação

EXPEDIENTE

Jornal "O ACADÊMICO" — Caixa Postal, 1124 — BLUMENAU — Santa Catarina
Rua Antônio da Veiga, 140 — 89.100

FUNDADORES — Oldemar Olsen Jr.
Maria Odete O. Olsen
Fred Richter
Domingos Sávio Nunes
José Luiz Dias de Souza

DIRETOR E REDATOR RESPONSÁVEL
Oldemar Olsen Jr.

REDATORES — Maria Odete O. Olsen, Fred Richter, Domingos Sávio Nunes, Jaime Monney Kempinski, Afonso Pabst Neto, Sérgio André Zanin, Carlos Alberto Ramos Schmidt, Roberto Diniz Saut, Sílvio Borges de Jesus, Artêmio Zanon, Carlos Eduardo de O. Bastos.

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO João Paulo Silveira de Souza, Guedes, Pedro A. Grisa, Wolfgang O. P. Kress, João Alfredo Medeiros Vieira, Arnaldo Koroski, Livraria e Editora Lunardelli, Clóvis Dobner, Abel B. Pereira.

COLABORADORES COMERCIAIS — Agradecemos as seguintes firmas, sem o qual, nosso jornal não seria uma realidade.

AGROJARD, APESC, ARTEX, CENTRO CÓPIAS, DIRETÓRIOS ACADÊMICOS, ELETRO MÉDICA, ENGENHARIA FLAMINGO, HABITASUL, HAYASHI CIA. LTDA., CIA. HERING, LIVRARIA UNIVERSITÁRIA MINI MERCADO E FJAMBREIRA GLOBO, COMERCIAL VÍCTOR PROBST, e SULFABRIL.

COLABORADORES PROMOCIONAIS: — RÁDIO BLUMENAU e RÁDIO NEREU RAMOS.

EDITORIAL

E chegou o instante em que não havia, aparentemente, mais alternativas para o nosso frontispício; o clichê, malgrado sua versatibilidade, havia exaurido-se como um rico filão constantemente explorado. Eis então, uma variante inesgotável: as palavras e os sentimentos.

A GÊNESIS FECUNDA — Observa o nascimento de outras idéias acólito ao labor tão brilhantemente executado até aqui.

Aumentamos o número de páginas, definimos as seções, reestruturamos as funções redatoriais, escolhemos prioridades, delimitamos objetivos, procedemos reuniões e estamos agredindo as falhas sistemáticas aventadas com o intuito de *melhorar* nosso periódico informativo.

Será lamentável, portanto, recebermos alguma correspondência referindo-se ao nº 18... Preferiríamos ouvir algo como: "a Gênesis fecunda" poderia ser um pouco mais fecunda...

Nós estamos tentando melhorar e vocês sabem como estamos tentando; Não podemos utilizar o valor expressivo das cores em nossa tipografia, tampouco, o equilíbrio plásticos dos volumes na estética empírica dessas malfadadas folhas de jornal.

Mas, uma realização estética definida, consequente de uma manifestação concreta de intenções criadoras, de aplicações conscientes para justificar o valor latente da poesia ou a concatenação simplória de idéias; pretenciosas egocêntricas mas transformativas.

No próximo número vocês terão nosso CONTINUIDADE EMOCIONAL.

CLASSIFICADOS

JORNAL VALEANTÃO — Instituto Vallée S/A. — Produtos veterinários — Av. do Bálsamo, 298 — Uberlândia — Minas Gerais.

REVISTA FICÇÃO — Agradecimentos do Jornal O ACADEMICO aos redatores da revista Ficção por incluírem e citarem nosso jornal em suas páginas. A Editora Ficção Ltda. — Rua Itamonte, 58 — Rio de Janeiro — 20.000.

REVISTA ESCRITA — Agradecimentos do Jornal O ACADEMICO aos redatores da revista Escrita por incluírem e citarem nosso jornal em suas páginas. Rev. Mensal de literatura — Rua Monte Alegre, 1434 — São Paulo — SP — 05.014.

CORDEL — Editora Cordel — Artes Visuais Ltda. Rua Caraca, 411 — Belo Horizonte — Minas Gerais — 30.000 — Caixa Postal 2129.

HÁ GENTE — Rua Dr. Itapetininga, 273 — 3º cj. I — São Paulo — Centro SP — 01.042.

EXTRA — REALIDADE BRASILEIRA — A/C Edições Símbolo — Rua General Flores, 518 — 522 — 525 — São Paulo — SP. — 01.000.

OPINIÃO — Editora Inúbia Ltda. Rua Abade Ramos, 78 — (Jardim Botânico) — 20.000 — Rio de Janeiro — RJ.

CONVERGÊNCIA — Revista da Academia de Letras do Triângulo Mineiro — Rua Alar Prata, 55 (centro cultural de Uberaba) — Caixa Postal 46 — 38.100 — Uberaba — Minas Gerais.

JORNAL DE FATO — Av. do Contorno, 2399 (fundos) — Belo Horizonte — Minas Gerais — 30.000.

INTERCAMBIO CULTURAL — Rua Amadeu Furtaço, 375 — Fortaleza — Ceará.

JORNAL ORDEM DO UNIVERSO — Caixa Postal 04.267 — Brasília — DF. — 70.000.

UNIDADE — Órgão Oficial do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo — Rua Rego Freitas, 530 — Sobre Loja — São Paulo.

REVISTA ANUNCIO — Centro de Veículos de Comunicação — Rua Duque de Caxias, 287 — Caixa Postal 1148 — 90.000 — Porto Alegre — RG.

GOL A GOL — Rua Gonçalves Dias, 1581 — Belo Horizonte — Minas Gerais — 30.000.

Oito ou oitenta

(ELOGIO À CULTURA...)

(Roberto Diniz Sault)

E' a grande noite; noite em que a Tv X deverá interrogar severamente o candidato que conseguiu até o momento setenta grandes cruzeiros, por ter respondido corretamente a muitas perguntas feitas para ensinar ao telespectador novidades sobre "mosquitos". Oito ou oitenta, um programa de Tv X, com audiência selecionada. Caso o candidato responder as perguntas desta noite, receberá oitenta cruzeiros.

Eu, curioso, ligo a televisão do vizinho e aguardo o início do tão comentado programa.

Aguardo, porque programa só anunciado foi. Antes despejam uma série de propaganda: "beba coca"; "lá se foi o preço"; "compre aqui o seu siri, é mais fresco e mais barato".

Ah! O locutor anuncia o programa.

"Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um..."

ZERO".

— Senhores e Senhoras, eis o programa "oito ou oitenta", um programa cultural para quem quer aprender na hora de lazer.

— Oito ou oitenta!

— Boa Noite, público querido

Neste momento o candidato escolhe o tubo de perguntas.

— O Senhor está calmo? Pergunta o inquisidor.

— Muito calmo. Responde o réu.

— Então vamos lá. Primeira pergunta!

— Pois não!

— "Em que página do livro "Os Três Mosquiteiros" está escrita três vezes a palavra "mosquito"?"

— À página três.

— Certo! Certo!

(Aqui o público presente aplaude).

— Vamos à segunda pergunta: "Quantos mosquitos voavam no quarto dos três mosquiteiros, quando acordaram, naquele episódio narrado à página quatro do livro "Os Três Mosquiteiros"?"

— Seis mosquitos, dois mosquitos para cada mosquiteiro. Eh! Eh!

— Terceira pergunta: "Quantas páginas contem o livro "Os Três Mosquiteiros"?"

— Cincoenta!

— Certo! Certíssimo!

(Aqui o público bate palmas e solta gritos estéricos).

— Quinta pergunta: "Quando morreu o editor que editou o mencionado livro?"

— Ele ainda vive... sou eu!

— Certíssimo!

(Palmas, choro, delírio da platéia presente).

— Sexta e última pergunta: "Que ruído ou barulho ou zumbido faz o mosquito, muito bem descrito na sétima página do livro em questão?"

— Ah! Isto... espera aí...

(O público fica nervoso... torce para que o candidato responda a última pergunta).

— AH! Já sei... ele faz "ZUUUMMMM".

— Ceerto! Ceerto! Ganha o senhor oitenta cruzeiros!

(Neste momento a multidão delira, aplaude, desmaia).

— Ai está, senhores e senhoras, o final do nosso programa. A nossa Tv X dará ao candidato, Senhor BLA-BLÁ, especialista em mosquitos um cheque de oitenta cruzeiros, a ele que respondeu a todas as perguntas e pode, assim, transmitir, principalmente nesta noite, muitos conhecimentos sobre a vida dos mosquitos.

— Oito ou oitenta!

— Até outro dia!

— Oito ou oitenta!

— Oito ou...

— Oito...

— Ué!

MÚSICA SEMPRE MAL ENTENDIDA!

JOHN LENNON - Um pouco de amor nessa filosofia

(por O.O.J.)

Os anos tem passado tão rapidamente... Ontem eu comprava uma flor para dar à alguém e esperava com ansiedade esse momento; hoje, nem em flores eu penso.

Ontem, eu me contentava com as coisas simples, elas me bastavam, o meu mundo era pequeno então; hoje, nem pensar simplesmente eu penso...

Mas as coisas continuam acontecendo, independente de minha consciência e a consciência dessa independência me faz ver que sou muito dependente e me preocupo com o que acontece.

"Todos nós crescemos um pouco, houve uma mudança, estamos menos reprimidos, tudo isso. Mas, na verdade, o jogo continua o mesmo. Eles continuam fazendo o mesmo tipo de coisas, venden-

do armas para a África do Sul, matando os pretos nas ruas, o povo continua vivendo miseravelmente no meio dos ratos, tudo continua igual. Dá vontade de vomitar. Eu acordei pra isso também. O sonho acabou. As coisas continuam como eram, com a diferença que eu estou com trinta anos e uma porção de gente usa cabelos compridos. Só isso". (1970).

Essas palavras foram um desabafo resultado de um condicionamento externo. Agora, Lennon sabe que as idéias reprimidas necessitam de "ponderação para serem manifestadas... A sutileza, aliás dissimulada nas entre linhas de suas canções, atestam a capacidade ao mais intelectual dos Beatles.

Não vamos falar em drogas, porque elas foram uma experiência, passada;

a briga com o Depto. de Estado para deportação... Foi uma luta para justificar certas atitudes já superadas... Agora, queremos saber o que a música irá ganhar com tua condenação a liberdade. O homem é mais criativo no sofrimento e, para John Lennon, as coisas parecem muito certinhas... Mas, o importante é deixar de se imaginar em situações embaraçosas para gerar uma condição para criar novas composições; a realidade é suficientemente dolorosa para se manter uma subjetividade aleatória e espiritualizada dessa mesma realidade; a fuga também não é uma solução, embora você possa esquecer parcialmente alguns problemas...

... O amor é o único sentimento que sobrevive em todas as crises:

I KNOW (I KNOW)

THE YEARS HAVE PASSED SO QUICKLY
ONE THING I'VE UNDERSTOOD
I AM ONLY LEARNING
TO TELL THE TREES FROM WOODS

I KNOW WHAT'S COMING DOWN
AND I KNOW WHERE IT'S COMING FROM
AND I KNOW AND I'M SORRY (YES I AM)
BUT I NEVER COULD SPEAK MY MIND
AND I KNOW JUST HOW YOU FEEL
AND I KNOW NOW WHAT I HAVE DONE
AND I KNOW AND I'M GUILTY (YES I AM)
BUT I NEVER COULD SPEAK MY MIND

I KNOW WHAT I WAS MISSING
BUT NOW MY EYES CAN SEE
I PUT MYSELF IN YOUR PLACE
AS YOU DID FOR ME

TODAY I LOVE YOU MORE THAN YESTERDAY
RIGHT NOW I LOVE YOU MORE RIGHT NOW
NOW I KNOW WHAT'S COMING DOWN
RIGHT NOW I LOVE YOU MORE RIGHT NOW

AND I KNOW IT'S GETTING BETTER (ALL THE TIME)
AS WE SHARE IN EACH OTHER'S MINDS

TODAY I LOVE YOU MORE THAN YESTERDAY
RIGHT NOW I LOVE YOU MORE RIGHT NOW

OOH HOO NO MORE CRYING
OOH HOO NO MORE CRYING

EU SEI (EU SEI)

OS ANOS TEM PASSADO TÃO RAPIDAMENTE...
UMA COISA EU TENHO ENTENDIDO
ESTOU SOMENTE APRENDENDO
PARA DIZER AS ARVORES DA SELVA:

EU SEI O QUE ESTÁ ACONTECENDO
E SEI ONDE ESTÁ ACONTECENDO
SEI E SINTO MUITO (SIM EU SINTO)
MAS NUNCA PUDE EXPRESSAR MEUS PENSAMENTOS;

SEI EXATAMENTE COMO VOCE SENTE
E SEI AGORA O QUE TENHO FEITO
SEI E SOU CULPADO (SIM EU SOU)
MAS NUNCA PUDE EXPRESSAR MEUS PENSAMENTOS;

SEI O QUE ESTAVA PERDENDO
MAS AGORA MEUS OLHOS PODEM VER
EU ME PUS EM SEU LUGAR
COMO VOCE DIZIA PARA MIM.

HOJE EU AMO MAIS DO QUE ONTEM
AGORA AMO VOCE MAIS, AGORA...
AGORA SEI O QUE ESTÁ ACONTECENDO
POSSO SENTIR DE ONDE ESTÁ SURTINDO

FU SEI, ESTA MELHORANDO (TODO O TEMPO)
COMO NÓS VASCULHAMOS EM CADA MENTE DOS OUTROS

HOJE EU TE AMO MAIS DO QUE ONTEM
AGORA AMO VOCE MAIS, AGORA

OOH HOO NÃO CHORE MAIS
OOH HOO NÃO CHORE MAIS

Depois de um recesso psicológico, tudo se orienta para a normalidade e você, dubiamente, pode tentar consolar alguém para que esse alguém, embora não precise de conforto moral, tenha a sensação de que tudo está bem e o sonho ainda não acabou...

A P E S C

Associação de empréstimos de S. Catarina

SOCIOLOGIA - A despersonalização do homem social

Aqueles que gostam de sangue e de violência os verão em abundância nos massacres dos guerreiros, mulheres e crianças índias nos western americanos produzidos para a televisão.

Aqueles que se sentem liberados do "Sistema", quando deliberadamente enunciam "palavrões" ou imbecilidades com o fim de chocar, tem satisfação vicária sempre que assistem à maioria dos programas ditos humorísticos produzidos pela TV brasileira.

E aqueles que julgam o amor ser sempre traiçoeiro e torpe se deleitarão com o destino grotesco epatético — dos infames de um lado e dos bons sempre do outro — das personagens nas nossas telenovelas.

Enfim, depois de que um locutor sempre sorridente apresenta de uma forma tão sensacionalista as novidades aos nativos (é certo que muitas vezes dá mostras de não acreditar muito naquilo que diz), ainda prefiro acordar à meia-noite e assistir aquele filme bastante estilizado e convencionalizado, cujas características incluem ruas sombrias na madrugada ou na calada da noite, chuva, letreiros a gás neon, atmosfera noturna e envolta em neblina, trens penetrando a escuridão, figuras misteriosas envoltas em capas de chuva, bares onde copos e garrafas se empilham em pirâmides que os estelhões refletem e multiplicam, refletem e multiplicam... refletem, antes por virtude do incontestável dom nostálgico em que radunha toda a sua significância, aquela solidão asfixiante, angústia de um mundo banhado em mesquinhas agitações e no qual mais alto do que eu próprio supus, mais puro do que muitos me julgam, eu sou a representação da sensibilidade perpetuamente estrangeira em qualquer paragem em que me encontro.

A aparência medíocre do subsistir cotidiano, a exploração demográfica dos centros urbanos tradicionais pelas exigências do crescimento industrial, a escassez de espaço e de tempo são outros tantos tópicos que caracterizam a canalização cada dia mais crescente das emoções coletivas para fins deliberadamente orientados.

Aqui sobrelevam-se, principalmente, as pseudo-excelências da sociedade de consumo, que se insinua por imagens e belas palavras vazias e tende a camuflar uma face dessa sociedade, que é pauperismo em meio à abundância e ao desperdício, o estado de solidão e o tédio.

Por força dos meios de difusão em massa, as faculdades criadoras do homem desviam-se para algo como que uma visão espetacular do mundo", em que a audição e a visão funcionam como órgãos devoradores de imagens, sons, palavras e significações.

A influência da técnica, como ameaça permanente aos valores espirituais, registra situações que demonstram o irresistível processo de despersonalização do homem social, perda de identidade, traduzida, dentre outros fenômenos, pelo sentimento de solidão e de frustração, como resultado da submersão em uma cotidianeidade sem fantasia.

E surge, em compensação, a chamada "sociedade de lazer", nascida da modernidade tecnológica e os mitos do tecnicismo. Que no entanto não deixa de ser nada mais do que uma ilusão.

Por que? Considerando que as exigências impostas pelo trabalho profissional, o tempo livre e um tempo gasto fora das horas compulsórias de trabalho, transportes, formali-

dades burocráticas em organismos que comandam a vida cotidiana, etc., verifica-se que esse tempo por assim dizer, forçado, aumenta incessantemente, em detrimento do tempo destinado ao lazer.

Prosseguindo, destaco, dentro da chamada "sociedade de lazer", e que se me afigurou sobremodo interessante, aquilo que serve, às mil maravilhas, aos interesses da publicidade (essa deusa vestida de estereótipos e fórmulas para simplificar a nossa existência, para mobilizar sentimentos básicos, que usa das convenções para selecionar, enfatizar e aventurar de maneira a deleitar um mundo ávido por surpresas inventivas) que seria, o relaxamento da moralidade sexual. Podemos afirmar que a publicidade, que vende o encanto, o romance e a beleza da mulher, insufla, por extensão, as relações eróticas e as experiências desordenadas do amor.

Doutra parte, como resultado desse mesmo fenômeno publicitário, a linguagem cotidiana se pauperiza e o vocabulário se reduz a alguns clichês.

Por acréscimo, as poucas horas de comunicação entre os membros da família são ocupados pela televisão.

A essa forma de miséria intelectual se agrega a miséria da sensibilidade, contando-se o paradoxo de que no momento em que as possibilidades técnicas de informação são quase ilimitadas, decresce o intercâmbio no plano existencial. E o homem está agora mais fechado do que nunca aos ouvidos do mundo.

Sentindo ser o progresso dessa sociedade de consumo como que uma negação total da vida, ele se agarra desesperadamente à essa barca frágil demais, sempre prematura, de madeira leve e verde, o tema fundamental de toda a humanidade: a felicidade.

Sua vida girará agora em torno do conceito de felicidade, como a entendem os jovens, isto é, que a felicidade é a única razão de viver e envolve o verdadeiro sentido da vida.

Sob essa conotação deve ser diferenciada, fundamentalmente, do mero estado de satisfação das necessidades imediatas, naturais ou induzidas; e que acima de tudo implica em "conhecimento", conhecimento que se nutre de ironia e de contestação.

Todos somos filhos ou enteados da sociedade de consumo, todos aprendemos esse abc que reza "Alienação. BURGUESIA... Catástrofe", e temos o direito de acreditar que a nossa época é especialmente terrível. Mas o que resta a fazer é emancipar-se do mito do consumo e das suas tradições já corroidas por um fácil convencionalismo. Deixemos o consumo no museu da História. Só assim seremos um pouco menos infelizes.

(FRED RICHTER)

Rádio Nereu Ramos

Rua 7 de Setembro, 517
2º andar — Caixa Postal, 723
80.1000 — Blumenau — Santa Catarina

AGROJARD

RAÇÕES SOCIL
JARDINAGEM

IMOBILIARIA
PROJETOS E MEDIÇÕES

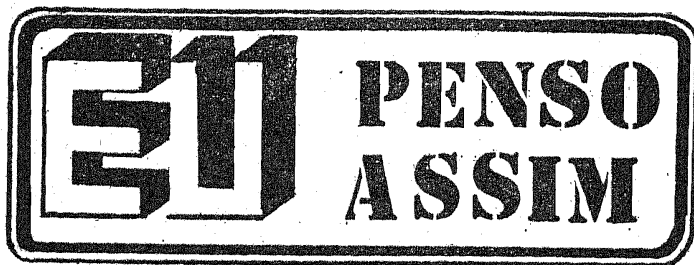
MUDAS ORNAMENTAIS E ECONÔMICAS (KIRI)
— O INVESTIMENTO SEGURO E RENTÁVEL ESTA' NA

AGROJARD — IMOBILIÁRIA CRECI — 205

Rua São Paulo, 732 — Fone: 22-06-31

BLUMENAU

SANTA CATARINA



A Censura do Freio a Viseiro

O importante é a mensagem que se pretende. Palavras, é muito fácil agrupá-las num sentido fluente e inteligível mas, vazio. Por isso a mensagem não pode ser dúbia.

Não estou a fim de ser bedelho e me bater na intenção de emitir novos conceitos. Eles já são tantos — profundos, supérfluos, reacionários e furados. Dentro da minha localização e das atuais condições o melhor que busco é o furo na malha que os monstros estão tecendo; Mercedes Sosa, Chico Buarque, só prá não exagerar. Daí, que eu vejo nesse tipo de mensagem pretendida. Pois do resultado o que interessa é se acrescentou e contribuiu com algo mais. E coloque mérito nisso.

Falar de censura atualmente é colocar num papel ou cuspir num microfone uma sequência de metáforas codificadas. É vomitar um “estrangulamento de uma cultura”, ou uma “descaracterização da fisionomia cultural desse país” e depois se enternar num cheese-burger e acrescentar para colorir “Contesto a objetividade porque ela é um produto da racionalidade que nego estruturalmente”. (Glauber Rocha, Veja 18). Ora, nesse ritmo então eu acho que a censura é uma velha donzela que usa cuecas.

O que realmente está nos faltando é o pão espiritual. Inquietar-se. Uma comunhão de idéias para um só grito. Um grito de prisioneiros, de paralisados. Eles sabem gritar, porque é a alma deles que clama. Mas nós não queremos gritar porque a nossa latitude não nos favorece aos anseios de nossa alma. Não precisou-se de centenios para os brasileiros aprenderem a dizer que também somos um povo latino-americano? E terão de passar mais alguns para sentirmos. Afinal essas coisas de alma de um povo são difíceis de se explicar. O clima influi muito.

“Colocar sua garganta, seu coração, sua inteligência a serviço de uma idéia, mas também saber ser humilde e compreender que o seu trabalho e o de simples participante de um processo, como o próprio público e é, nada mais que isso. Mas o que não se pode ser é apolítico, porque é uma mentira que uma pessoa seja apolítica vivendo neste mundo, demasiado convulcionado para que não se tome partido. Que a pessoa diga que não pode mais solucionar nada e se dê por vencido: já é uma tomada de posição. Mas daí a negar a realidade é uma coisa que não se pode fazer... Minhas canções, agora, não são tão fortes como antes. Posso dizer que a situação geral tem contribuído para isso. É como o ditado gaúcho: “Vamos desencilhar até que amaine o temporal”. Eu não componho, então tenho de escolher minhas canções entre o que existe. E com a censura, o abuso de metáforas. Ao escolher uma canção, o ideal é que a linguagem seja direta e de conteúdo, mas hoje nem sempre pode ser assim. Então sempre vem uma angústia na hora de escolher o repertório: fico sempre entre aquilo que é direto e pode dizer muito pouco, e a metáfora que não chega a quase ninguém”. (Mercedes Sosa, Movimento 75).

“Não tenho condições de ver, de fora, qual a importância do meu trabalho. Mas às vezes me passa pela cabeça se a música, mesmo a música de forma mais revolucionária, teria mesmo condições de alterar, em alguma coisa, o processo político. Agora proibem tanto que sou obrigado a acreditar que uma música, uma peça de teatro, um filme, importam, de fato, dentro de um contexto geral. Essa é uma impressão de fora para dentro, causada pelas proibições...

O problema é mais grave. A censura tem de acabar e não voltar nunca mais. Ela mutila, todas as características de uma época. Esses meninos que estão começando a fazer música agora. Já imaginou? Se nas primeiras tentativas, como tem havido tantas — e tantas que ninguém sabe, — tudo já vem proibido, isso produz a monstruosidade da auto-censura, fatal a qualquer tipo de atividade criadora. Há

uma geração que nasceu dentro da censura, para a qual o certificado de libertação é tão normal e necessário quanto a carteira de identidade. Para mim, para uma geração que se criou quase que sem censura, é chocante ter de mandar textos às vezes muito íntimos — toda criação requer uma entrega muito particular —, para um funcionário examinar, dizer se pode ser divulgado ou não. Com o garoto que surge agora não é assim. Por isso que tem tanta gente composto em inglês, pois é mais fácil de passar. “Da próxima vez vou procurar acertar, pois parece que fiz algo de muito errado”. Esse é capaz de ser o raciocínio do garoto que começa e se vê censurado... E a radicalização da censura já existe pelo menos há oito anos e afetou toda uma geração que poderia ter gerado criadores. Isso na música, no teatro, no cinema, na literatura. De repente, lá por volta de 1960, todo mundo era jovem, inteligente, bonito, genial — e agora não. Porque? Aquela gente não era mais inteligente do que esta de agora. Simplesmente estava acostumada à euforia pela arte do seu país, ao reconhecimento do seu valor”. (Chico Buarque de Holanda, Veja 425).

Estamos vivendo uma época de mutações. Diria que somos os depositores do gem fatal. Que espécie de mutante será o meu filho? Se eu já penso em termos de “isso e eu não posso dizer, aquilo e eu não posso fazer”, como pensará ele no dia em que descobrir a consciência? A gente sente que no processo em geral ainda estamos estagiando para a dramatização da vida adulta. Estaria a fuga na educação? Estudar sempre, transferir sempre essa permanência de quatro anos, seria uma maneira de juventude eterna, de mantê-la na alienação ao engajamento à engrenagem? Não. Mas há os que pensam assim. E todos os anos centenas de calouros preenchem as vagas dessa nova grande Empresa, a Universidade. Os mutantes são encaminhados para o sistema para serem manufaturados, alienados superiores. Meu pai é pobre e eu não tenho condições de ser um Universitário manufaturado a lienação superior; o que faço? Ora, participe do Sistema Expoliativo do Crédito Educativo e você estará rendendo juros e correção monetária. Porque a engrenagem não pode parar. O Sistema sempre está precisando de mais um, e você, você e você sempre são mais um. Mais um idealista, mais um reformador, mas um criador. Então você assume. Sabotado, censurado, cortado, ralado mas com um carrinho numa casinha e pensando no futuro das crianças... dos seus robosinhos. Mas não devia ser assim, não é? É muito enfadonho. Como assumir sem o direito de criação? Como assumir se a minha opção tem de ser furtiva e calada. Porque sempre nas coisas que digo a minha intenção está atentando contra algo. É asquerosa essa fúria produtiva e essa corrida a um salário sempre maior. A realidade é que já somos uma geração cansada de sobreviver. E só estamos na faixa dos 20 anos. Nós já somos uma geração cansada do “stress” do condicionamento. Porque uma novelinha conseguiu balançar o coreto da praçada e rememorar “os nossos velhos tempos”?

Triste nós adolescentes de 70 é que a liberdade deles vem laqueada de paratina, São os primeiros mutantes. Sua característica, a mudez e a indiferença que são suas atitudes normais. Verdadeiros animaizinhos para orientadores educacionais. Mas isso já é um outro assunto. E eu só estou pensando. Mas isso eu não posso dizer.

Afinal... não, eles não foram felizes para sempre. Por isso “não devemos ser coerentes apenas para sermos agradáveis: mas poderemos ser oposicionistas para sermos úteis”. (O. O. J.).

O que realmente está nos faltando é o pão espiritual. Inquietar-se. Uma comunhão de idéias para um só grito. Um grito de prisioneiros, de paralisados.

(MARIA ODETE ONÓRIO OLSEN)

ACADERNO ESPECIAL

NÃO DEVEMOS SER COERENTES APENAS PARA SERMOS AGRADÁVEIS:
MAS PODEREMOS SER OPOSICIONISTAS PARA SERMOS ÚTEIS. (O.O.J.)

A PRECE DE UM JUIZ

(João Alfredo Medeiros Vieira)

SENHOR! Eu sou o único ser na terra a quem Tu deste uma parcela da tua Onipotência o poder de condenar ou absolver meus semelhantes.

Diante de mim as pessoas se inclinam; à minha voz acorrem, à minha palavra obedecem, ao meu mandado se entregam, ao meu gesto se unem, ou se separam, ou se despojam. Ao meu aceno as portas das prisões se fecham às costas do condenado ou se lhe abrem, um dia, para a liberdade. O meu veredito pode transformar a pobreza em abastança, e a riqueza em miséria. Da minha decisão depende o destino de muitas vidas. Sábios e ignorantes, ricos e pobres, homens e mulheres, os nascituros, as crianças, os jovens, os idosos e os moribundos, todos estão sujeitos, desde o nascimento até à morte, à LEI, que eu represento, e à JUSTIÇA, que eu simbolizo.

Quão pesado e terrível é o fardo que puseste nos meus ombros! Ajuda-me, Senhor! Faze com que eu seja digno desta excelsa missão! Que não me seduza a vaidade do cargo, não me invada o orgulho, não me atraia a tentação do Mal, não me fascinem as honrarias, não me exaltem as glórias vãs. Unge as minhas mãos, cinge a minha fronte, bafeja o meu espírito, a fim de que eu seja um sacerdote do Direito, que Tu criaste para a Sociedade Humana. Faze da minha Toga um manto incorruptível. E da minha pena não o estilete que fere, mas a seta que assinala a trajetória da Lei, no caminho da Justiça.

AJUDA-ME, SENHOR, a ser justo e firme, honesto e puro, comedido e magnânimo, sereno e humilde. Que eu seja implacável com o erro, mas compreensivo com os que erraram. Amigo da Verdade e guia dos que a procuram. Aplicador da Lei, mas antes de tudo cumpridor da mesma. Não permitas, jamais, que eu lave as mãos como Pilatos diante do inocente, nem atire, como Herodes, sobre os ombros do o-

primido, a túnica do opróbrio. Que eu não tema César e nem, por temor dele, pergunte ao povilêu, se ele prefere "Barabas ou Jesus"...

Que o meu veredito não seja o anátema candente e sim a mensagem que regenera, a voz que conforta, a luz que clareia, a água que purifica, a semente que germina, a flor que nasce no azedume do coração humano. Que a minha sentença possa levar consólo ao atribulado e alento ao perseguido. Que ela possa enxugar as lágrimas da viúva e o pranto dos órfãos. E quando diante da cátedra em que me assento desfilarem os andrajosos, os miseráveis, os párias sem fé e sem esperança nos homens, espezinhados, escurraçados, pisoteados e cujas bôcas salivam sem ter pão e cujos rostos são lavados nas lágrimas da dor, da humilhação e do desprezo, AJUDA-ME SENHOR, a saciar a sua fome e sede de Justiça!

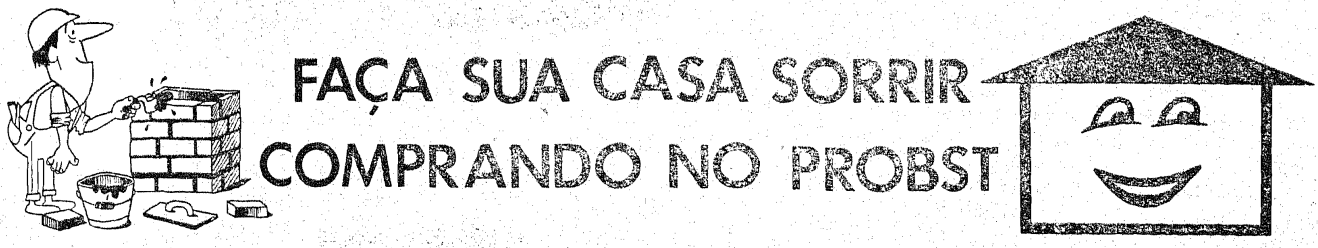
AJUDA-ME, SENHOR!

Quando as minhas horas se povoarem de sombras; quando as urzes e os cardos do caminho me ferirem os pés; quando fôr grande a maldade dos homens; quando as labaredas do ódio crepitarem e os punhos se erguerem; quando o maquiavelismo e a solércia se insinuarem nos caminhos do Bem e inverterem as regras da Razão; quando o tentador o fuscara a minha mente e perturbar os meus sentidos, AJUDA-ME SENHOR!

Quando me atormentar a dúvida, ilumina o meu espírito; quando eu vacilar, alenta a minha alma; quando eu esmorecer, conforta-me; quando eu tropeçar, ampara-me.

E QUANDO UM DIA, finalmente, eu succumbir e já em tão como réu, comparecer à Tua Augusta Presença para o último Juízo, olha compassivo para mim. Dita, Senhor, a Tua Sentença.

Julga-me como um Deus.
Eu julguei como homem.



**FAÇA SUA CASA SORRIR
COMPRANDO NO PROBST**

scriba

NECROLÓGIO
CUMPRIMOS O DOLOROSO DEVER DE COMUNICAR O FALECIMENTO DO SR. OSVALDO OLIVEIRA DE SOUZA. AMIGO E PAI...

LIBERDADE Uma Voz na Praça

(João Paulo Silveira de Souza)

Wolfgang O.P. KRESS

Em plena era espacial,
do homem o desejo real.
é submeter o sistema solar,
depois de na Lua já pisar.

Já há quase cem anos,
tem escrito Júlio Verne
sobre a "DIANA" dos Romanos,
ou seja dos Gregos a "SELENE".

Voltando à sua mitologia,
um escritor grego historia:
do labirinto que construíram,
Dédalo e Icaro, presos, fugiram.

De Creta à Sicília voavam com asas
que fez o pai de cêra e penas.
A cêra da asa do filho derreteu,
caindo Icaro no mar EGEU.

As peripécias dos argonautas,
já os poetas exaltaram.
As viagens dos astronautas,
as câmeras televisionaram.

Hoje a vida já é mais moderna,
pronta a nave, arrumam-se as maletas.
Fala-se tanto em viagem externa,
tanto ao satélite como aos planetas.

Em toda a viagem espacial,
perigos sempre estão latentes;
implorando a benção divina,
confiam em DEUS os crentes.

O homem sente até nos Céus
que pode lá contar com Deus;
e no futuro lá descobrirá,
Que o inferno também existirá.

Por mais longe que o sêr fôr,
sempre haverá alegria e dor;
por melhor que seja a liberdade,
da terra ele sentirá saudade!

Entre as nações, nos continentes,
surgem problemas com rivalidade;
pois todos anseios existentes,
convergem para a liberdade.

Fé, orgulho e patriotismo,
participam do nacionalismo;
liberdade excessiva de uma nação,
pode conduzir também à escravidão.

No lar, na escola, na sociedade,
no trabalho, no intimo da alma,
o homem anseia pela liberdade
que lhe satisfaz e acalma.

Na condição de homem livre,
deve-se o limite reconhecer!
Comportar-se como pessoa nobre
e a DEUS pela liberdade agradecer!

Brasileiros! Somos livre e felizes;
podemos a grande data comemorar,
saibamos conservar as diretrizes,
para sempre o SETE DE SETEMBRO lembrar!"

Compridos e finos, retorcem-se sobre o braço do violão, os dedos. Correm os trastes. A mão e os dedos, aranha enorme, amarelada, encardida de fumo. O sol chapeia a praça dos ônibus. Figuras humildes surgem, se agrupam. Ficam a escutar o cego. Ao redor, na praça, o movimento igual. Ônibus que saem e que chegam; gente apressada. Mais adiante, o café. Além, a amurada de pedra separando o mar. O sol chapeando a praça dos ônibus, agonizante, prestes a desaparecer.

E o canto; quem pensará nele? Quem pensará no canto? Rouco, desagradável. O cego tem a cabeça longa, o nariz longo. E' magro e ressequido. Curva-se sobre o violão, inclina a cabeça para um dos ombros, a boca abre e fecha, dois dentes agudos apontam das gengivas: — as palavras vão deturpadas, moles, num canto rouco e desagradável. As canções são comuns. Boleros, sambas e valsas comuns. As figuras humanas gostam das músicas comuns; não as escutaríamos, não fossem comuns. Vêm surgindo, se agrupam. A voz do cego se expande na praça, estranha, mole, marcada de sofrimento.

Quem pensará no canto?

— Escute ele tem sofrimento na voz — digo para a minha companheira.

— Bobagem.

— Não é bobagem. Escute bem: não tem qualquer coisa de fúnebre? Olhe, acho que é a canção do subdesenvolvimento... — Rio-me da tirada absurda.

— Ouça: — está escapando do túmulo.

— Tragédia tua. Instinto de dramalhão.

Ela ri e dá de ombros. Vê o crepúsculo:

— Que tarde bonita! Vamos olhar a tarde.

Os ônibus saem e chegam. Pessoas indiferentes povoam a praça, se locomovem apressadas, atulham as lojas, os bares, os cafés. O cego canta, a voz se expande na praça. Bem poucos percebem que é a voz de humilhação e miséria. As figuras simples se agrupam, atiram moedas. A voz do cego as justifica, rouca e desagradável, num desalento trágico.

Nos debruçamos na amurada de pedra que separa o mar. Minha companheira olha absorta os vestígios ensanguentados do sol que tingem a Baía Sul, serena, num mar de espelho. Gaivotas riscam o céu, lançam gritos estridentes, dilacerados, como velhas bruxas. Mergulham na Baía, pousam nas extremidades das estacas, espreitam famintas o mar, na luta impiedosa contra os peixes.

A noite não tarda. Da praça dos ônibus, ouvem-se ainda o cego e os sons do violão.

— Sabe que deve existir o amor? — digo de repente e impensadamente. — Apenas o amor? Ao menos o amor?

Minha companheira olha-me espantada; porém logo os seus olhos ascendem um brilho irônico:

— Aonde foi que você leu isto?

Fico em silêncio a ruminar o meu ridículo.

Imagino dedos compridos e finos, que se retorcem sobre os trastes, à semelhança de uma aranha enorme e amarelada.

Mini Mercado Fiambreteria Globo

Rua XV de Novembro, 1464 (em frente ao Banco do Brasil) — Fone: 22—5036

BLUMENAU — SANTA CATARINA

ENTREGA A DOMICILIO

Alberto Morávia: O romancista do tédio

Alberto Morávia tinha 22 anos quando escreveu "Os indiferentes" marcando um desvio repentino nas letras italianas da época (1929).

Aquela análise do homem, rija, empírica, livre de qualquer influência, deixou assustada a rósea moral fascista.

O autor era um jovem desconhecido, internado por paralisia de uma perna num sanatório dos Alpes.

"Os indiferentes" encarava o problema sexual que a literatura italiana ignorava, proclamava um existencialismo anti-literário.

No romance citado, o autor descreve o jovem desconhecido numa família burguesa em decadência. Este rapaz, de nome Michele, incumbiu-se de matar o sedutor de sua irmã. Morávia, descreve-nos, assim, detalhadamente, com seu estilo colorido e a sua moralidade subjetivos, as possibilidades abstratas de Michele a partir do instante em que tendo imaginado o seu desígnio, prepara o crime.

No entanto, a supremacia da obra aparece no momento da execução, englobando todo o seu desenrolar repulsivo; é aí que nos aparece um Michele tal como realmente é: um magnífico representante de um meio do qual sempre pensou que poderia moralmente escapar: a solidão. A certeza de se sentir isolado. Um estranho na sociedade em que vive.

Saído do sanatório, Morávia, curado, mas ligeiramente claudicante e irremediavelmente pessimista, o que agrava a sua posição de antifascista, pois o fascismo pregava o otimismo fácil, ele passou os anos da guerra escondido nas montanhas, perseguido pelos nazistas.

Após o conflito numa Itália mais livre onde o indivíduo podia ser pessimista ou otimista, Morávia passou a ser lido e procurado como autor.

"Vidas vazias" publicado na Itália em 1961 e como todos os seus livros, condenado pela Curia Romana, é outro romance de um Morávia já decadente, que nos mostra tam-

bém o indivíduo em reação a si próprio, solitário, marginalizado pela sociedade dos homens, em estreita relação com uma realidade abstrata, onde o certo e o errado são confundidos em uma única identidade.

Dino, o protagonista, é um decadente. Tudo o entendia, o ambiente da mãe, rica, esnobe, apegada ao dinheiro, que ele deixa sob o pretexto de trabalhar como pintor num "atelier" romano.

Mas a arte também o entedia. O remédio para o tédio seria o erotismo, que chega na vida de Dino na figura de Cecilia, 16 anos, tipo infantil e perverso. Mas cai também a frágil barreira da mentira que unia os dois e Dino não protesta pois qualquer coisa é melhor que o tédio. Ocorre então uma contradição: o tédio é indiferença, que desliga o homem de qualquer interesse vital.

Mas Dino é ciumento e passa a vigiar Cecilia, até o ponto em que, num acesso de ciúme, joga seu carro contra uma árvore. Um interesse humano entrou finalmente na sua vida? O autor não o diz nem o deixa supor: tudo aquilo foi tentativa de libertar-se do eterno enfado, não paixão (o contrário do tédio). Fiquemos com Dino no seu leito de hospital, esperando sem esperança.

Creio que este romance de Alberto Pincherle (Morávia) não é, todavia, mais cruel e despreocupado que seus outros. Talvez produza no leitor uma sensação de vazio: o homem jogado num cosmos sem princípio nem fim, incapaz de reação ou seja, de escolha: ou o Bem ou o Mal.

O homem no limbo do seu aborrecimento, vivendo ao acaso. O livro me faz pensar nos crepusculares, que povoam a literatura entre o fim do século passado e o início deste, produto de um romantismo decadente, peculiar das épocas de transição. E a personagem, ao que me parece, o autor criou sob o signo do mais polêmico modernismo, é um deslocado na sua época.

(F.R.)

HERODES

GUEDES

Herodes, Herodes, toma cafézinho e sai à rua, com a mão no bolso, bolso vazio, mãos vazias, andando de um lado para outro, sentando no meio fio, olhando os passantes, as bestas apressadas do grande centro poluído.

— Conheces o Herodes?

— Desconheço.

— Eu sou Herodes, e vou assassinar o tempo como passatempo...

— !?

— ...Curtir a vida envolto de negro vulto enquanto o véu da morte não chega, pois a vida é curta e a morte longa.

— Conheces o Herodes? Eu sou ele, senhor da paz estudante da vida.

Herodes, Herodes, toma cafézinho e sai à rua como um pregador, cabelos longos e barba cerrada, em meio de chuva, em tempo de sol, não carrega cruz, mas tem um corpo arcado.

— Quem és tu Herodes? Dizei, quem és tu profeta do fim do mundo, sábio de todos os sábios, mestre de todos os mestres.

— Quem és tu que a tudo vê e tudo sabe? Quem és tu que agora vive na era da loucura.

— Conheces o Herodes?

— Herodes? Não!

— Eu sou Herodes.

MESTRE

Que tu não sufoques, despertes!

Que tu não destruas, construas!

Que tu não envenenes, alimentes!

Que tu não leves aos abismos,
mas eaves aos cumes!

Que tu não semeies a amargura,
a desesperança,
a dúvida,
sejas um bálsamo,
uma luz,
uma verdade vivificante.

MESTRE:

Homenageamos em ti
o semeador de esperanças,
o construtor de ideais,
o farol das mentes,
a coragem da vontade.

F U N P L O C

Canoinhas, 15/10-76.

ESTANTE CATARINENSE - O Canto Tentado

De Carlos A.A. de Sá, recebeu menção honrosa na categoria poesia do Prêmio Fernando Chinaglia II UBE — 1970.

"Tenho o canto para situar-me aqui / para crescer e ofuscar a morte / e inundar-me de vida e amor. / Meu verbu tateia a expressão perfeita / que conte e cante / o que se passa em mim." /

E' um primeiro livro e por isso é um marco. E o que leva alguém fixar um marco como este? "Não, não sou poeta. Sou apenas um homem em busca de expressão para sua angústia. E de maneira nova, sua, de formular as perguntas do mundo. Sou o que procura no dourado do chope o tenue resto do incognoscível; que pergunta ao mar o porquê dos peixes e despreza a roseira por não saber a razão das rosas; que olha pro céu no riso irônico das estrelas no desconsolo do vento e na insaciável fome da terra. Sou o que pergunta, pergunta, pergunta, e não crê que haja resposta e sabe que se houvesse seria inaceitável".

Mulher e gata

(trad. Paul Verlaine)

Ela mima a sua gata
Isso é lindo de morrer.
A mão branca a branca pata
Na sombra se pode ver.

Ela esconde (celerada)
Sob a negra luva sua
Uma garra nacarada;
Cimitarra em meia-lua.

À outra a imita em doçuras
Retrai a garra às fissuras
Mas tem do Demo os pecados.

E do quarto onde, sonora,
Sua risada se aflora
Luzem quatro olhos rasgados.

Assim fala Carlos de Sá que na sequência inicia evocando os Coronéis do açúcar, capitães de gado, oficiais briosos da Guarda Nacional, que penduraram na árvore genealógica mulatas lúbricas, espadas virgens, garruchas sangrentas... e faz poesia. E é essa a razão talvez que o fez tirar tal marco na literatura, o simplesmente comentar sobre a "selva civilizada" na qual está jogado e inserido e contra a qual dirige esta luta. E ingrata luta. Que somente os que nela estão mergulhados conseguem entender. Portanto muito real é a poesia de Carlos de Sá quando em verso jogado pergunta: Como cantar as rosas/ se elas são artificiais/feitas de plástico/e com perfume sintético?/ Como ser lírico/ num apartamento duplêx/com ar condicionado/ geladeira e televisão?/ E como ser trágico,/ passional/se a psicoterapêutica/ logo nos é indicada?/

Muito triste deve ser a realidade de quem julga poesia. Muito demagógicas são as frases feitas ditas para quem faz poesia. Afinal "neste século final tristezas, mágoas recalques, nada mais serve de material para se poetar. E as musas suicidando-se nas doses excessivas de pílulas para dormir e os barulhos dos jatos e das máquinas tornaram as líras inúteis".

Paciência de Jó

Abri a Bíblia na página de Jó, e vi que a paciência do professor é bem maior do que a dele.

Saber sabendo
fazer fazendo
Crer e não crendo
Ter e não tendo
Ser e não sendo

Ler e não lendo
Dizer dizendo
Morrer vivendo

Mas,
Fazer sabendo
Saber fazendo
Viver morrendo

A meditação
a misericórdia
a paciência
... a tolerância, só

O Buda
O Cristo
Jó
... o professor, só

que ilumina
que purifica
que espera
... que me ensinou, só.

de Abel B. Pereira

CALCULADORAS CIENTÍFICAS
E FINANCEIRAS

HP-21 HP-22 e HP-25

ARTIGOS PARA DESENHO E
TOPOGRAFIA

CÓPIAS HELIOGRÁFICAS

E XEROX

ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296 —

Blumenau — Santa Catarina



HABITASUL

Caderneta de Poupança

Aumentaram as anuidades em 100 0/0 E daí, como é que fica?

Todo o Acadêmico, no ato da Matrícula sentirá na pele, ou melhor, no bolso o aumento de 100% no valor do crédito-aula.

Motivos são alegados para justificar tal aumento, mas de forma oficial nada nos foi apresentado.

Na reunião do D.C.E. de 05/01/77 formulei que apresentássemos (o D.C.E.) um protesto simbólico, pois de nada mais adiantaria) ou pelo menos fosse feita uma representação junto à Reitoria e do Departamento de Assistência aos Estudantes para que fosse esclarecido tal aumento mas passem; os demais, presentes exceto Oldemar Olsen do Acadêmico, acharam muito justo o referido aumento e a conversa ficou por aí mesmo.

E eu pergunto: não é o D.C.E., composto por acadêmicos eleitos para representá-los quando a situação exigir, o órgão que deveria colher as informações junto a Reitoria e D.A.E. e esclarece-las ao estudante? Pois é, parece que isto foi esquecido.

Bom, não adianta esperar, o aumento vem, e com a devida autorização do Conselho Federal de Educação e do Conselho Interministerial de Preços.

O que nos resta? Ora, se as anuidades representam 40% do orçamento da FURB, um aumento destas anuidades em 100%, representará, já considerada uma correção monetária em 50%, um aumento de 130% neste orçamento, que esperamos sejam aplicados na melhoria do Corpo Docente e dos Laboratórios, os que, aliás, com o regime de matrícula prévia, cursos como os de Engenharia, Administração, Processamento, com vagas disputadíssimas, não mais subvencionarão cursinhos "Walitas" e deficitário existentes na FURB, que conseguem meia dúzia de candidatos, após Vestibular e repescagem.

A quem cabe a fiscalização do emprego da verba dos alunos senão aos diretores. Representantes diretos destes. Justo? Justíssimo! e nós estaremos aí pra conferir!

(CLÓVIS DOBNER)

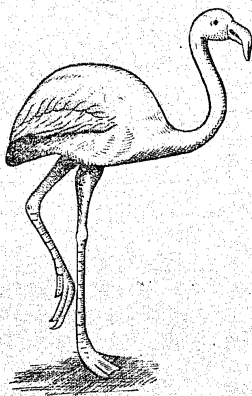
Presidente do DAEB Gestão 76/77

BLU

1 260 KHZ. Amplitude Modulada

UMA NOVA ERA DE
COMUNICAÇÃO.

Ed. Catarinense — BLUMENAU



1º Concurso Catarinense de Romance

PRÊMIO BARRIGA—VERDE

Florianópolis, 1977

PROMOÇÃO:
EDITORA E LIVRARIAS LUNARDELLI

SECRETARIA DO GOVERNO DO ESTADO DE SANTA
CATARINA
REGULAMENTO:

1— O 1º CONCURSO CATARINENSE DO ROMANCE (Prêmio Barriga-Verde), tem por objetivo voltar a atenção dos Escritores Catarinenses, para o romance e a novela.

2 — Compreende o CONCURSO, os seguintes prêmios e benefícios, à vencedor único:

a) o valor de Cr\$ 18.000,00 (dezoito mil cruzeiros) em dinheiro, oferecido pela Secretaria do Governo.

b) — a Editora Lunardelli, vai imprimir e distribuir nacionalmente dentro do seu esquema promocional, com lançamento e noite de autógrafos em Florianópolis e outras cidades, o Romance vencedor.

3 — Poderão participar do Concurso, escritores radicados em Santa Catarina ou, Catarinenses residentes em outros estados.

4 — Os originais — inéditos — deverão ser encaminhados pessoalmente ou pelo correio para: EDITORA E LIVRARIAS LUNARDELLI, rua Victor Meirelles, 28 — CP. 263 — 88.000 — FLORIANÓPOLIS — SC, datilografados em espaço dois, com margem e em tres vias de igual teor, num mínimo de 50 e máximo de 150 laudas.

5 — No original deverá constar apenas e claramente, o PSEUDÔNIMO DO AUTOR. Num envelope lacrado, à parte, o candidato deverá remeter nome, endereço, breve biografia e uma foto em preto e branco.

6 — Os trabalhos serão recebidos até a data máxima de 1º de novembro de 1977, devendo o resultado oficial ser conhecido no dia 16 de dezembro de 1977, em solenidade própria.

7 — A participação no Concurso deixa estabelecido que o escritor concorda com as diretrizes e regulamento do mesmo, cedendo os direitos autorais dos seus trabalhos para a publicação a critério da EDITORA LUNARDELLI.

8 — Os originais não classificados, ficarão ao dispor dos seus autores durante 30 dias após o encerramento do Concurso.

Esperando contar com a participação maciça dos Escritores Catarinenses, saudamo-los.

Flamingo

CAMA — MESA — BANHO

MALHAS — CRISTAIS

BLUMENAU

ITAPEMA

FLORIANÓPOLIS

agenda

FEVEREIRO

01, 02 — Prática Desportiva — Exame médico obrigatório — Cursos Diurnos — (excetuados os cursos de Engenharia e os calouros) 8 às 10 horas e 14 às 16 horas.

01, 02, 03, 04 — Continuação da MATRÍCULA DOS VETERANOS, conforme escala abaixo:

CURSOS

01 — Ciências Biológicas — Química — Matemática — Ciências 1º Grau.

02 — Ciências Biológicas — Química — Matemática — Ciências 1º Grau.

03 — Letras — Pedagogia — Educação Artística

04 — Letras Pedagogia — Educação Artística

01, 02, 03, — EXAMES DE SUFICIÊNCIA complementares ao Vestibular e aos Cursos, conforme Edital.

DISCIPLINAS

01 — Língua Estrangeira — 9h; Português — Linguagem Jurídica e Português — 16 horas.

02 — Complementos de Química — 9 horas; — Complementos de Física — 16 horas.

03 — Complementos de Matemática — 9 horas.

11 — ÚLTIMO PRAZO PARA RECEBIMENTO DE PEDIDOS DE ATESTADO DE VAGA: de Transferências Internas e Externas, e Matrículas de Diplomados em Curso Superior.

07, 08, 09, 10, 11 — Seleção dos Candidatos aos Cursos de Secretário Bilingue e Secretário em Língua Portuguesa

14, 15, 16, 17, e 18 — Inscrições para os Cursos de Secretário Bilingue e Secretário em Língua Portuguesa.

MARÇO

DIAS LETIVOS: 27

01 — Início das aulas do 1º Semestre

01, 02, 03, 04, 07, 08, 09, 10, e 11 — Inscrições para os cursos do Laboratório de Línguas

07 — Início das aulas dos cursos do Laboratório de Línguas

10 e 11 — Mudanças de Turno, Turma ou Disciplina

31 — Último prazo para pedidos de cancelamento de inscrições em disciplinas.

ABRIL

DIAS LETIVOS: 22

07, 08, 09 — Feriados da Semana Santa

21 — Tiradentes — Feriado Nacional

Cassado Jornal Universitário

Em 1974 o jornal universitário "POEIRA" de Londrina, recebeu o primeiro prêmio de jornalismo estudantil instituído pela Parker Pen.

Qual não foi a nossa surpresa ao termos notícia que o amigo correligionário estava dinegrindo a imagem de sua universidade e por isso havia sido apreendido.

E justifica-se numa explicação muito óbvia o secretário do Diretório Central dos Estudantes, Roldão de Oliveira: — "silenciar cada vez mais os estudantes, que pretendem participar na solução dos problemas de sua escola e de seu País. Não podemos aceitar isso de braços cruzados — A prática tem nos ensinado a que o preço da liberdade é a eterna vigilância". E tudo foi muito bem operacionado pelo capitão Aparecido Rodrigues, da Polícia Militar, e representante da AESI. Interessante é o motivo principal da apreensão — crítica ao último aumento de 35 por cento nas anuidades, que somado aos outros totaliza 120 por cento de aumento em dois anos.

Admiramos o espírito de luta dos colegas, uma vez que o reitor Oscar Alves é genro do Ministro Ney Braga, quando dizem: "queremos deixar claro que não temos intenção de abdicar dos nossos direitos ainda possuem direitos?) nem sucumbir sem luta diante da força; pois a arbitrariedade é uma característica da atual administração. E por discordarmos desse espírito, continuaremos lutando para que não nos arranquem ainda mais nossa liberdade".

K O I S C E ' S

(TITO VILLE 41)

O ESTAGIARIO

Estagiário é aquele cara que pensa saber de tudo e durante o estágio, só faz perguntas cujas respostas ele já sabe. Talvez faça isto apenas para confirmar seu conhecimento. Quando o cara resolve fazer uma pergunta, fora do seu esquema, ele próprio arrisca uma resposta, mas na maioria dos casos a resposta correta é contrária à dada pelo referido. Outro detalhe a respeito dos estágios, é aquele em que o estagiário fica na esperança de que o que se está vendo durante o estágio; se ele já adquiriu conhecimento na escola fica esperando poder acompanhar durante o estágio.

Se ele não viu nada disso na escola, ele fica esperando poder algum dia receber este conhecimento pela escola. Nos dois casos o estagiário está enganado.

ECOLOGIA "HUMANA"

Quem entende disto é a turma da engenharia química 9º semestre. O problema foi constatado durante um jantar oferecido por um professor para a referida turma e seus afins. Em determinado momento alguém achou que um de seus colegas estava sobrando no recinto, e deixa disso pra cá e disso pra lá, Algum outro pensou em dar uma "bolachadas" em uma das irmãs da vítima, mas eis que outra das irmãs (15 anos) entra em cena e diz que um universitário bater em mulher, não é um ato de bravura. Foi aí em que houve o fato que eu não sei como definir, a pobre da menina levou uma saraivada de "cobras, largatos e sua! que até hoje ela está pensando se vale a pena fazer um curso superior e ficar culto como os seus irmãos e colegas.

VESTIBULAR

Vestibular é maior neurose de todo brasileiro que aspira fazer um curso superior, talvez não por ter que estudar e fazer as provas, mas sim por esperar o resultado, como em algumas escolas.

Em algumas delas o resultado é conhecido logo-mas em compensação em outras, que não sabem se vão conseguir entrar em um acordo com o computador. Para quem fez vestibular pela COPERVE isto é um adiantamento. Para as correções da Coperve o computador utilizado, foi o da FURB, mas os programadores para a correção do vestibular ainda não entenderam bem o que a palavra "programa" significa, e o que eles não conseguiram chegar a um resultado em mais de uma semana, os técnicos da Univas resolveram em 3 horas, falha de quem? Depois de todos os resultados, o computador deverá entrar em licença prêmio, para recuperar suas faculdades "computais".

As mensalidades na FURB aumentaram mais de 100%. Nós furbolinos esperamos que o índice de melhoria de ensino corresponda ao aumento dado. Se continuar neste "pé", logo, logo, quando o aluno vier fazer matrícula, deverá escolher em quanto tempo irá pagar suas obrigações com a FURB. Provavelmente alguma caderneta de poupança ou a CEF irá lançar plenos tipos às BNH, e é pagamento em 5, 10, ou 15 anos, assim teremos profissionais com obrigações bancárias para o resto da vida, e por isto talvez surja o BANCO UNIVERSITARIO, etc etc....

PENSAMENTO DO MÊS

"Deixa prá lá"!!!

SUGESTÕES

O jornal O ACADEMICO aceita críticas literárias; desde que nela não estejam contidas as seguintes palavras... (que estão em todas as últimas críticas literárias dos últimos dois anos... tem gente que usa todas elas numa mesma crítica... Não força...)

Elitismo, "Boom", dicotomia, monotematismo, sensório, priapismo, pletóricos, heteronomia, climatérico, fanfarrão... etc. e coisa e tal...

TEATRO

Bertold Brecht - Afinal, um grande mestre que disse em sua época

Quem, nos dias de hoje, quiser lutar contra a mentira e a ignorância e escrever a verdade tem de superar ao menos 5 dificuldades. Deve ter a coragem de escrever a verdade embora ela se encontre escamoteada em toda a parte; deve ter a inteligência de reconhecê-la, embora ela se mostre permanentemente disfarçada; deve entender da arte de *manejá-la* como arma; deve ter a capacidade de escolher em que mãos será eficiente; de ter a astúcia de divulgá-la entre os escolhidos. Estas dificuldades são grandes para os escritores que vivem sob o fascismo, mas existem também para aqueles que fugiram ou se asilaram. E mesmo para aqueles que escrevem em países de liberdade burguesa.

E concluí, a grande verdade de nossa época (cujo conhecimento não basta, mas sem o qual não se achará outra verdadeira importância) é que nosso continente submerge na barbarice, por querer manter pela força as atuais relações de propriedade dos meios de produção. Qual a valia de escrever algo corajoso, revelados do estado de barbarice em que estamos afundando, se não definimos claramente porque chegamos a ele?

Devemos denunciar que torturas são perpetradas

para que as relações de propriedade sejam mantidas. Naturalmente, dizendo isso, perdemos muitos amigos, que são contra as torturas porque acreditam na possibilidade de manter as relações de propriedade sem torturas (o que não corresponde à verdade).

Mais ainda: devemos dizer a verdade sobre o estado bárbaro em que se encontra nosso país, para possibilitar aquilo que conduz ao desaparecimento desse estado. Isto é, devemos dizer como podem ser alteradas as relações de propriedade dos meios de produção, mesmo participando dos lucros. E devemos agir com muita astúcia.

Todas as cinco dificuldades devem ser solucionadas ao mesmo tempo, porque não podemos pesquisar a verdade sobre o estado de barbarice, sem pensar ao mesmo tempo em suas vítimas. Quando evitamos os acessos de covardia, devemos procurar as verdadeiras conexões para aqueles que estão dispostos a aplicar os conhecimentos. Devemos também pensar e entregar-lhe a verdade, de maneira que ela possa tornar-se uma arma em suas mãos, astuciosamente, para não ser descoberta e anulada pelo inimigo.

Exige-se muito, quando se exige do escritor que escreva a verdade.

E C O L O G I A

COMUNIDADES VEGETAIS — (para uma melhor compreensão do ainda verde de nossas matas).

“As plantas como os animais, estão organizadas na natureza em comunidades. Uma comunidade pode ser definida como um grupo de organismos que têm relações mútuas uns com os outros e com o ambiente. Exemplos familiares seriam um bosque de araucárias, um cerrado, uma caatinga ou um grupamento de algas litoraneas. Cada uma dessas comunidades apareceu no seu lugar especial como resultado de um longo desenvolvimento histórico e da integração de grupos sucessivos de plantas e animais (incluindo o homem) com força de alteração ambiental. Algumas dessas comunidades são estáveis, outras em transição; todas são muito sensíveis às manipulações do homem.

No estado nativo, as comunidades de plantas competem umas com as outras por espaço, nutrientes, água e luz. Isso é observado com mais facilidade em ambientes como os desertos e as florestas. No deserto, onde a umidade limita o crescimento vegetal, as únicas plantas que sobrevivem são as capazes de uma eficiente economia de água. Entre os recursos empregados pelas plantas de deserto, para uma competição eficiente neste ambiente severo, temos um sistema radicular extenso, adaptado para penetração profunda no substrato, bem como para um grande aproveitamento da água, que penetra logo abaixo da superfície do solo. Em virtude de as plantas de deserto terem de explorar grandes volumes de solo para obter a água de que necessitam para sua manutenção e crescimento, as populações que aí vivem tendem a espaçar-se bastante. Frequentemente, as plantas maduras dispõem-se a uma distancia de diversos metros de sua vizinha mais próxima. Tal espaçamento amplo é às vezes assegurado por um tipo de guerra entre as plantas. Substâncias inibidoras, produzidas por uma espécie, podem inibir o crescimento de outras e as mais velhas de uma espécie podem

impedir o desenvolvimento das mais jovens. (E as realmente eficientes, têm também adaptações para reduzir ao mínimo a perda de água pela transpiração, tais como ausência de folhas largas, cutículas espessas, etc.).

Ao contrário, uma floresta tropical úmida consiste em uma comunidade atulhada de plantas competindo pela luz. As árvores que crescem mais rapidamente formam um anteparo no topo e por isso recebem a maior parte da radiação incidente. Frequentemente, estas espécies precisam receber luz solar plena para um crescimento vigoroso. Abaixo delas situam-se outras espécies de árvores, bem adaptadas para crescerem em sombra parcial. Ainda mais para baixo, sobre o chão da floresta, vivem samambaias, musgos, líquenes, ervas e pequenas plantas lenhosas. Todas são muito eficientes no aproveitamento de quantidades mínimas de energia radiante.

Qual seria o resultado da construção de uma estrada pavimentada através dessa floresta? Podem somar-se desde a perturbação de lençóis de água até a erosão e a abertura de estratos de copas dando oportunidade de ultrapassagem aos seus rivais das camadas inferiores.

O tráfego de automóveis numa floresta poderia exterminar ou pelo menos prejudicar seriamente as espécies sensíveis aos produtos da combustão incompleta de hidrocarbonetos e eliminados pelo escapamento dos veículos ou ao chumbo do composto (chumbotetraetila), um antedetonante e tóxico, adicionado à gasolina para reduzir a batida do motor. E' por estas razões que muitos conservacionistas, silvicultores e ecologistas criticam a tendência crescente de abrir grandes estradas por onde existem regiões de florestas virgens. Ponto de vista sempre desdenhado pelo público — uma vez que não se pode aproveitar áreas selvagens sem interferir com ela”.

do Livro de ARTHUR W. GALSTON — A Planta Verde
M. O. O. O.

Eléctro Médica S. A.

DIVULGUE

JORNAIS "NANICOS" DE TODO O BRASIL TERAO EXPOSIÇÃO

Com a intenção de fazer um levantamento exaustivo para que melhor se possa compreender a explosão gráfica (dos volantes tipográficos dos Diretórios Universitários aos folhódicos em OFFSET), com registro visual da importância desse fenômeno social, o Laboratório de Pesquisas Visuais promoverá na UFMT uma EXPOSIÇÃO de toda a imprensa

"NANICA" do Brasil. Para esse fim pedimos que nos enviem um exemplar ou material significativo.

Agradecemos qualquer divulgação de evento para que ele se transforme numa convocação.

Universidade Federal do Mato Grosso — Laboratório de Pesquisa Visual — Bloco de Tecnologia — Sala 248 — Cidade Universitária — Coxipó: 78 000 CUIABÁ ESTADO DE MATO GROSSO.

É mais difícil entrar ou sair da Universidade?

A coisa é relativa. Depende do indivíduo. O universitário que não gosta de passar pela Universidade em brancas nuvens e participa de promoções acadêmicas, diretórios e outros empreendimentos com o objetivo de melhorar o estado normal de se permanecer na facilidade, esse está fadado a fazer o seu curso em mais tempo do que o normal.

Porquanto, colegas seus estudam e dedicam-se ao curso de forma egoística e medíocre. Passam... e nada ficam deles; exceto, talvez, a lembrança de que o fulano foi um bom estudante...

E agora eu pergunto: — quem representa mais para a comunidade; o indivíduo que

realiza alguma coisa por ela ou aquele que passa por ela? NÃO, não precisa responder; é evidente.

Por outro lado, se você peca por pensar nos outros (com risco de atrasar o curso), embora destaque-se em outros setores extra-curriculares... Pode cair no velho e chato imposto pelo sistema: O estudante está na Universidade para estudar... Agora surge outra questão, quem pensa no estudante são o próprio estudante?... O melhor, alguns poucos usam suas crises de bom senso para construir algo melhor... É daí? daí a conclusão: É preferível morrer dentro da técnica do que salvar-se contrariando a medicina.

**VOCE TAMBEM É RESPONSÁVEL
ENCAMINHE UM ANALFABETO A UM
POSTO DO MOBRAL.**



ASSINATURAS — Cr\$ 50,00 anuais
JORNAL "O ACADEMICO"
C.P. 1124 — 89.100 — Blumenau — Santa Catarina

Nome

Rua Nº

C E P

Cidade Estado

Bolsa de Empregos

Esta coluna será apresentada em todos os números, com a finalidade de propiciar aos Estudantes Universitários, oportunidades de colocação em empresas do Vale do Itajaí, oportunidades estas, concernentes ao seu campo de estudo, procurando desta maneira promover o seu bem estar.

A STATUS—L Seleção, Treinamento e Assessoria Técnica Ltda., juntamente com os Diretórios Acadêmicos da FURB procurarão desta forma conduzir o Estudante — para o Mercado de Trabalho, facilitando a sua integração, bem como orientando-o, obedecendo as especializações e aptidões individuais.

Procuraremos desta forma, colocar o Homem certo no lugar certo.

Serão apresentados os cargos em abertos nas empresas, juntamente com os pré-requisitos necessários a cada um.

Paralelamente serão feitas explanações sobre as áreas de maiores carências no mercado de trabalho, bem como, informações relacionadas a formação extra-curriculares necessárias para a complementação profissional. Visamos desta maneira, acelerar o processo de integração Escola-Empresa, além de capacitar o atual estudante, dentro de uma realidade.

Neste número, apresentaremos algumas das colocações existentes no Mercado de Trabalho.

Necessitamos com urgência para colocação imediata.

1. CHEFE DE ESCRITÓRIO.
Requisitos: Cursos Superior de Economia, Administração de Empresa, Ciências Contábeis; experiência em faturamento, contabilidade, crédito, cobrança, custos, caixa, finanças.

2. INSPETOR DE VENDAS.
Requisitos: Curso Superior de Economia Administração de Empresas, Ciências Contábeis; experiência em Marketing, programação, boa apresentação, fale inglês ou espanhol.

3. SECRETARIA BILÍNGUE — INGLÊS.

Requisitos: Curso Superior de Letras, Pedagogia; experiência em correspondência, bom inglês falado e escrito, taquigrafia, iniciativa, bom relacionamento humano.

4. QUÍMICO
Requisitos: Curso Superior de Química; experiência em la-

boratório químico em geral, ter condições de liderança.

5. ESCRITURÁRIO — DEPARTAMENTO PESSOAL

Requisitos: Curso Superior de Pedagogia; experiência em Recrutamento e Seleção, rotinas de setor pessoal, bom relacionamento humano, boa apresentação.

6. CONTADOR

Requisitos: Curso Superior de Ciências Contábeis, ou 2º grau em Técnico de Contabilidade credenciado; experiência em contabilidade em geral, bons conhecimentos de legislação.

7. ENCARREGADO ADMINISTRAÇÃO DE MATERIAIS

Requisitos: Curso Superior de Administração de Empresas; experiência em cardex, controle de estoque, compras.

8. ENGENHEIRO ELETRICISTA

Requisitos: Superior de Engenharia Elétrica; experiência em instalações elétricas de máquinas, comandos e eletricidade geral.

9. MODELISTA

Requisitos: Curso Superior de Educação Artística; experiência em modelos, ter cursos de especialização, ser criativa.

10. ESCRITURÁRIO ADMINISTRAÇÃO DE SALÁRIOS

Requisitos: Curso Superior de Administração de Empresas, Economia; cursos de especialização na área; experiência em administração de salários em geral.

Informações aos Acadêmicos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Curso de Letras.

Louvemos a iniciativa da FURB, no que se refere a preparar o estudante para a realidade do Mercado de Trabalho. Prova aí está com a criação dentro do Curso de Letras de especialização na área de Secretariado.

O mercado está carente, a oferta supera a procura, valorizando muito o profissional capacitado neste setor.

O sucesso deste empreendimento, podemos afirmar, já é vitorioso.

Esta iniciativa da FURB em procurar conduzir o ensino, visando a completa formação do estudante e dentro de uma realidade deve ser aplicada em todos os cursos, promovendo a completa integração ESCOLA-EMPRESA.

LIVROS

Coleção abre novas perspectivas para a ficção brasileira

A Editora Ática, desde a sua fundação, há onze anos, vem se caracterizando por uma nova visão editorial, que abrange desde o processo de produção do livro, até sua comercialização (seleção dos originais, cuidado gráfico, preço, divulgação, distribuição, etc.). O resultado desse trabalho se revela no prestígio que a Editora já adquiriu no panorama cultural brasileiro.

Dando continuidade ao seu engajamento com a nossa cultura, a Ática inaugurou neste ano a *Coleção de Autores Brasileiros*, com o objetivo de publicar a moderna ficção brasileira, incluindo desde autores já consagrados até inéditos. E, fazendo o respeito devido ao leitor e ao autor, e assumindo a importância de seu papel de intermediária entre esses dois termos da literatura, a Ática decidiu imprimir nessa coleção um cuidado e uma seriedade raramente dedicados anteriormente a lançamentos desse tipo. Tal atenção se expressa no rigor e na sensibilidade para a seleção de títulos, no tratamento visual primoroso, no trabalho dos melhores artistas gráficos nacionais, que assim enriquecem o texto publicado.

Isso explica a receptividade que vêm obtendo os primeiros lançamentos da *Coleção de Autores Brasileiro*, da Ática: *Cuma João*, de Jair Vitória, *Açougue das Almas*, de Abel Silva, *Recuerdos do Futuro*, de Sérgio Machado, *Jacarés ao Sol*, de Rubem Mauro Machado e *Noite Grande*, de Permínio Asfora.

MESSIANISMO E CONFLITO SOCIAL — COLEÇÃO

ENSAIOS Nº 23

Maurício Vinhas de Queiroz

328 páginas — Cr\$ 90,00

MESSIANISMO E CONFLITO SOCIAL é um estudo da vida e da morte de um novo Cristo que a partir de 1912, no interior de Santa Catarina e Paraná, liderou um movimento messiânico que empolgou cerca de vinte mil camponeses miseráveis e analfabetos, mas com a clara consciência da necessidade de garantir o seu "direito de terras".

O episódio que teve um fim trágico com o massacre dos "fiéis" pelas forças federais — apesar de pretenderem apenas um reinado de paz, justiça e fraternidade — é aqui analisado nos seus aspectos sociais, econômicos e políticos, numa linguagem que sem perder o rigor científico, agrada e envolve pelo seu estilo literário.

EDITORA ÁTICA

RUA BARÃO DE IGUAPE, 110

CAIXA POSTAL, 8656 — SÃO PAULO

TOPOGRAFIA

PAVIMENTAÇÃO

Hayahsi & Cia. Ltda.

CONSTRUÇÃO CIVIL

TERRAPLENAGEM

Rua Bahia, 1957 — Caixa Postal, 703 — Fone, 22-0635

BLUMENAU — SANTA CATARINA

Livraria Universitária

BERTRAND RUSSELL — A FILOSOFIA DE LEIBNIZ

Tudo quanto de mais rico e de vivo existe nas filosofias do passado encontra-se na obra de Leibniz. Ele nos legou uma súpula unificadora pelo seu poderoso espírito a herança de muitos séculos de meditação.

Nenhum resumo pode dar conta — escreve Yvon Belaval — da diversidade de empreendimentos aos quais Leibniz se consagrou, com mestria de inventor ou de precursor, com a qualidade de um espírito capaz de tratar, com a mesma facilidade os problemas mais abstratos e as questões mais concretas, com a capacidade de procurar com entusiasmo — e por vezes com inquietação — o que há de mais sensato e, por vezes, também, o que há de mais quimérico, em uma época em que a ciência ainda parecia ser o extravasamento do sonho na vida real.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Editora da Universidade de São Paulo — Cr\$ 35,00

Livraria Universitária

Rua XV de Novembro, 340, 2º andar, conj. 201, edif.

Londrina — Cx. Postal, 503

BLUMENAU — SANTA CATARINA

Filial em Florianópolis (SC): Rua Visconde de Ouro Preto, nr. 57, sobreloja 4, edif. Visc. de Ouro Preto.

Suavidade,
leveza,
alegria,
liberdade,
e beleza...

MALHAS HERING

Ihe asseguram tudo
isso
com muito amor.

 malhas
Hering

SCBIA

COMUNICADO

As matérias inseridas neste jornal podem ser reproduzidas no todo ou em partes, desde que citada a fonte.

Educação: quando o problema é nosso

Se a Universidade brasileira fosse uma realidade tão sinistra como a pintam seus críticos mais radicais, ela dificilmente mobilizaria, a cada ano, tão viçoso contingente humano. Mas, por outro lado, não é menos verdadeiro que os novos convivas admitidos ao exclusivo festim universitário pelos exames deste ano correm o risco de padecer, num futuro não muito remoto, da mesma inapetência didática e do difuso desalento que atacam seus colegas de hoje.

A rigor, aos vitoriosos do vestibular podem se apresentar, ao longo de sua trajetória acadêmica, inesperadas gratificações culturais e até mesmo belas promessas financeiras. Mas, geralmente, o que os tortuosos corredores universitários costumam reservar, sobretudo aos mais incautos, são atemorizantes fantasmas — desde corriqueiras vicissitudes pedagógicas até o mais denso enigma a respeito do futuro profissional. Ainda assim, o exército de quase 1 milhão de vestibulandos de 1976 não parece disposto a arrefecer o ritmo de sua empreitada para, afinal, compartilhar a invejável, nebulosa, contraditória, híbrida e indecifrável condição de universitário.

Mera loteria cultural, feérico show negócio ou festival de inconsequente *cruzinhas*, o vestibular é, a verdade, a instituição que define mais concretamente o perfil do universitário brasileiro. "Não há a menor condição de se avaliar o nível intelectual do candidato", confessou recentemente o professor Edson Machado, diretor do Dpto. de Assuntos Universitários do MEC — reconhecendo literalmente que a sistemática dos testes de múltipla escolha pode o máximo, aferir superficialmente. Seletivo, injusto, o vestibular acaba normalmente carreando benefícios apenas para uma facção bem definida de candidatos.

A condição urbana dessa ilustrativa personagem (que lhe propicia uma massa de informações muito mais volumosa que a desfrutada por seus desafortunados rivais do interior) e sua cômoda situação financeira (que lhe evitam os dissabores de um trabalho compulsório e cansativo e lhe garantem recursos para escola paga, livros e sobretudo cursinhos) acabam evocando o conhecido vilão do eletismo. E, também, revivendo as críticas dos que pressentem na Universidade brasileira uma indistigável atmosfera de supermercado cultural em que a disponibilidade financeira limita proporcionalmente o volume dos conhecimentos adquiridos.

É evidente, porém, que essas limitações — reconhecidas pessoalmente pelo próprio ministro da Educação, Ney Braga, que vê nos carentes de recursos "os grandes injustiçados da educação" — estão além da Universidade. Na verdade, todo o sistema escolar brasileiro, desde o primário, funciona como um extravagante rio que, em vez de engrossar de volume ao longo de seu curso, vai se afinando até falecer melancolicamente sob a forma de um raquitico córrego. "Só chegam à Universidade os nascidos em berço esplêndido", desabafo o professor Edson Machado, resumindo uma crescente preocupação oficial com "esta injustiça que salta aos olhos".

Iniciativas como o recente tabelamento das tarifas cobradas pelos cursinhos pré-vestibulares, decretado em dezembro de 1975 pelo presidente da República, contribuem de forma prática para aumentar as raras oportunidades dos deserdados de educação. E, confrontada com sua antecessora de quarenta anos atrás, reduto quase exclusivo de janotas dilatantes, a atual Universidade chega a apresentar uma atmosfera até democrática, onde o número de alunos menos favorecidos aumenta gradativamente. Na Universidade de São Paulo, por

exemplo, um entre cinco alunos procede de famílias cujo pai recebe salário mínimo.

Dentro da Universidade, talvez o mais justo fosse que alunos, professores e a própria Universidade aceitassem humildemente compartilhar a responsabilidade pelo insistentemente proclamado "baixo nível acadêmico".

Mas, se os alunos realmente contribuem para a decadência do ensino com uma claudicante formação cultural de que o vestibular se torna cúmplice involuntário, também os professores e não podem ser sumariamente absolvidos. Por todo o país, mesmo em reputadas faculdades das capitais, as acusações contra a baixa qualidade das aulas se multiplicam. E muitos mestres são responsáveis por uma inesgotável antologia de preciosidades, avidamente coletadas por seus atentos discípulos.


A antologia não se esquecerá, por exemplo do professor de Economia da USP que simplesmente desconhece John Kenneth Galbraith. Ou a professora de história, também da USP, que levantou a deliciosa hipótese de que os portugueses teriam vindo para o Brasil arrastados por seu fascínio diante da mulata. Ou, ainda, o psicólogo da UFRJ que, depois de afirmar corretamente que "o doente mental é um homem dividido", lançou o magnífico desafio: "Precisamos uni-lo, porque é a união que faz a força".

Frequentemente sarcásticos diante de seus atemorizados mestres, mas em geral conscientes de que "eles tem tantos problemas como nós", os universitários brasileiros só não se mostram tão indulgentes em relação à enigmática instituição que os abriga — transferindo para a Universidade todo o ônus da deficiente formação profissional de que são vítimas e da aridez cultural com que convivem. Há currículos mal estruturados, titulares de cadeiras que raramente comparecem às faculdades — aulas que são aborrecidíssimas conferências.

Juntando-se a isso horários abusivos ou inadequados, percalços administrativos e um largo desprezo pela pesquisa, nega-se logo a um pantagruélico caldeirão de problemas e frustrações.

Insensível à realidade exterior às oscilações do mercado de trabalho ou às exigências culturais do país, a Universidade brasileira acaba disseminando difusas formas de pânico diante do futuro entre seus atormentados usuários.

A Universidade é sobretudo uma espinhosa travessia.

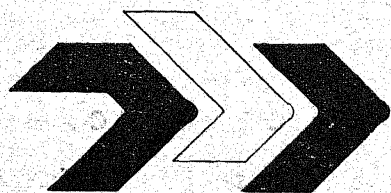


toalhas

ARTEX

A moda em toalha

Blumenau - SC.



As Cópias só separadas
pelos originais

Centro Cópias Ltda.

CÓPIAS HELIOGRÁFICAS — XEROX — PLASTIFICAÇÕES DE DOCUMENTOS EM GERAL.

Rua Floriano Peixoto, 89.
Loja 3 — Fone: 22-3215 —
BLUMENAU — SANTA CATARINA